

Milton Nascimento, Guardanapos De Papel

Na minha cidade tem poetas, poetas
Que chegam sem tambores nem trombetas
Trombetas e sempre aparecem quando
Menos aguardados, guardados, guardados
Entre livros e sapatos, em bas empoeirados
Saem de recnditos lugares, nos ares, nos ares
Onde vivem com seus pares, seus pares
Seus pares e convivem com fantasmas
Multicores de cores, de cores
Que te pintam as olheiras
É te pedem que no chores
Suas iluses so repartidas, partidas
Partidas entre mortos e feridas, feridas
Feridas mas resistem com palavras
Confundidas, fundidas, fundidas
Ao seu triste passo lento
Pelas ruas e avenidas
No desejam gl´arias nem medalhas, medalhas
Medalhas, se contentam
Com migalhas, migalhas, migalhas
De canes e brincadeiras com seus
Versos dispersos, dispersos
Obcecados pela busca de tesouros submersos
Fazem quatrocentos mil projetos
Projetos, projetos, que jamais so
Alcanados, cansados, cansados nada disso
Importa enquanto eles escrevem, escrevem
Escrevem o que sabem que no sabem
E o que dizem que no devem
Andam pelas ruas os poetas, poetas, poetas
Como se fossem cometas, cometas, cometas
Num estranho cu de estrelas idiotas
E outras e outras
Cujo brilho sem barulho
Veste suas caudas tortas
Na minha cidade tem canetas, canetas, canetas
Esvaindo-se em milhares, milhares, milhares
De palavras retrocedendo-se confusas, confusas
Confusas, em delgados guardanapos
Feito moscas inconclusas
Andam pelas ruas escrevendo e vendo e vendo
Que eles vem nos vo dizendo, dizendo
É sendo eles poetas de verdade
Enquanto espiam e piram e piram
No se cansam de falar
Do que eles juram que no viram
Olham para o cu esses poetas, poetas, poetas
Como se fossem lunetas, lunetas, lunticas
Lanadas ao espao e ao mundo inteiro
Inteiro, inteiro, fossem vendo pra
Depois voltar pro Rio de Janeiro